Spártacus

Ano I — Numero 11 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 11 de Outubro de 1919

A expulsão

A medida violenta, extra-legal, abusiva, inqualificavel, friamente resolvida e executada pelo govêrno contra alguns trabalhadores, expulsando-os sumariamente, sem processo, pelo simples fato de serem anarquistas estrangeiros, vem mostrar mui claramente, aos mais optimistas, que temos procela pela prôa. A provocação á classe proletaria é bem direta, é um aviso terminante, sem circumlóquios, sem meias medidas de que a nossa atual policia quer acabar mesmo com os anarquistas, com a sua imprensa, com os seus militantes, com as suas associações.

Entramos assim no mesmo rumo já seguido pela Argentina. Teremos breve uma lei como a de lá, a celeberrima lei do processo em dez dias, oral e sem defeza!

Em breve, não; já temos; temos aperfeiçoado e mais simples. A burguezia lá teve alguns escrupulos e forjou uma lei draconiana, mas sempre lei. Aqui não.

Prolonga-se virtualmente o estado de sitio, agarram-se os anarquistas pela gola, encafuam-se num navio, e se deportam sem mais aquela.

Na verdade, para que aparencias? A hipocrisia não vai bem na terra que ha de ter breve dois cardeais e um dia ha de dar papa. Os anarquistas são feras de maos bofes, serpes de ruim peçonha. Páu nêles. A pau é que se curam ânsias de libertação. O sr. José Lobo lá na Camara declarou que para os operários reclamistas o remedio é bala. Foi também essa a declaração, no ano passado, do sr. Rodrigues Alves Filho.

Portanto vamos lá. O govêrno brasileiro sabe muito bem que os trabalhadores no Brasil estão ainda desorganizados, incapazes d[e] um protesto em massa, não pl[atonicamente], mas de fato. Possue a seu dispôr umas dezenas de mil homens industriados para a morte e (pobres inconscientes!) promptos a fusilarem os arrojados que protestam.

E' preciso, demais disso, contentar ao clero e contentar á «entente» e, clero e «Entente», bradam contra os audaciosos propagandistas do comunismo anarquico.

Mas os anarquistas são estrangeiros uns e outros brasileiros. Para os primeiros expulsão em massa e para os demais processo e detenção.

Eis a sorte que nos espera fatalmente a todos si os trabalhadores brasileiros não entrarem na consciencia de seus direitos e na vergonha do seu estado para repelir na altura semelhante coação.

Estamos a mais de um seculo da revolução francêsa e a revolução conseguiu desmantelar a censura da realeza que não permitia aos revolucionarios o uso da palavra. O povo de Paris, a canalha dos suburbios obrigou a policia real a consentir na circulação do jornais de Mirabeau. Conseguiu isso porque estava concio do seu direito e da sua força naquela hora tragica.

A liberdade de pensamento consagrada em letras gordas na Constituição Republicana deste Brasil menos meu que do comendador Mattos e do papa, estamos vendo bem o que é e o que vale.

Não temos, é bem visto, nenhuma ilusão quanto á «brandura» da nossa burguezia.

O golpes rijos hão de vir com o tempo, si os trabalhadores fraquejarem. Estamos vendo a amostra.

Emquanto assim procede o governo *democratico* do Brasil com trabalhadores honestissimos, alguns dêles chefes de familia, agora desamparada, sob pretexto de estrangeiros perigosos, vão entrando no país dezenas de exploradores dos mais finos, comissionados pelo capitalismo das nações européas arruinadas, para sugar da nossa terra o mais possivel. Vai começar o dren[o], em larga escala, dos produtos brasileiros. Para esses larapiões da finança cosmopolita se desfazem nossos politicastros em salamaleques e zumbaias. Nada como ter dinheiro sem ser avaro!

Na expulsão de segunda-feira o arbitrio e o destempero foram tais que apalermaram os menos espantadiços.

Entre êles, por exemplo, foi Ricardo Perpetua.

Todos sabem que Ricardo andava arredio dos meios operários, inteiramente fóra da propaganda! Sua deportação se nos afigura uma vingança. Não pode ser outra cousa.

A expulsão de José Romero é uma infamia. Romero vive ha vinte e nove anos no Brasil; tem filhos brasileiros e enteados brasileiros. Durante essa permanência longa tem constantemente trabalhado, contribuido com o seu esforço para o trabalho brasileiro. E' um homem honestissimo, de procedimento modelar, digno de ser imitado por muitos homens publicos do Brasil e por quasi todos os estrangeiros de nossa imprensa e alta finança.

Sua deportação é uma verdadeira afronta ao proletariado e ha de aumentar a doze de ódio contra os opressores improvisados.

Quanto aos anarquistas brasileiros, aguardemos a espaldeirada. Ela virá. Já se está mesmo preparando.

Em todo o caso tudo isso nos conforta. Significa muito bem que a nossa obra marcha em regra.

Os opressores redobram sempre as voltas ao arrôcho quando sentem perigar o seu dominio.

E' isso mesmo. Para adiante!

José Oiticica.

Dez anos depois

Depois de amanhã, 13 de Outubro, transcorre o 10° aniversario do fuzilamento de Francisco Ferrer.

A autoridade, na sua eterna cégueira, pensou matar com o homem o ideal que o impulsionava na vida.

Cégueira eterna — eterno engano. Mais do que nunca o ideal por que morreu Ferrer vive e se irradia.

Dez anos são pessados sobre o estampido assassino do pelotão de Monjuich. E hoje a Anarquia empolga o mundo, com o desmoronar catastrofico do velho edificio social burguez, e os companheiros e discipulos de Ferrer vivem jubilosos a hora tragica e suprema que conduz ao triunfo...

Lição tremenda, que a torva cégueira da autoridade não percebe, não quer perceber!

—

Comemorando a passagem do 13 de Outubro, duas conferencias se realizarão entre nós: da primeira se encarregou o camarada Carlos Dias, ás 6 horas da noite, na séde da Aliança dos O. em Calçados, praça da Republica 58; da segunda, na séde dos Tecelões (Acre 19) ás 8 horas da noite, encarregou-se o professor Manuel Bomfim, que desenvolverá o seguinte tema: *A instrução como reivindicação dos trabalhadores.*

Todos os valores destinados a Spártacus, *sejam em vales postaes, sejam em carta registrada, devem ser de ora em diante endereçados exclusivamente a nome de Astrojildo Pereira, Caixa Postal 1936, Rio.*

O BOLCHEVISMO e a atitude anarquista

(Especial para SPÁRTACUS)

O bem que penso do Bolchevismo está na razão directa do mal que dele pensa a burguezia.

Direi mesmo, á falta de informações suficientes sobre o regimen dos Soviets Russos, que a atitude dos governos aliados — sabendo perfeitamente, como sabem, o que vale tal regimen — bastar-me-ia como indicação sobre o caracter real e o alcance social da presente Revolução na Russia.

Para que o «Sovietismo» seja a tal ponto caluniado, injuriado, condenado e combatido por todos os encarregados de negocios do regimen capitalista, forçoso é que esteja em formal oposição ao capitalismo e que, suprimindo na Russia os privilegios dos Senhores e dos Ricos, ponha em perigo esses mesmos privilegios, em todos os outros paizes.

Todavia, outras razões me determinam a não regatear ao Bolchevismo nem as minhas simpatias, nem a minha confiança.

Estou incompletamente informado; comtudo, é-me suficiente o que sei para concluir que do Bolchevismo triunfante nasceu uma Russia nova: antiguerreira e comunista.

Comunista, a nova Russia organizará a concordia dentro das suas fronteiras; anti-guerreira, ela viverá em paz com as outras nações, tão depressa quanto estas cessem de a colocar na necessidade de se defender — e isso será a paz no interior e no exterior, a paz completa e geral.

E, com a paz, virá o bem-estar para todos, e, graças ao bem-estar para todos, a liberdade mais ampla.

∴

Eu não saberia precisar a atitude dos anarquistas em relação ao Bolchevismo, porque é pouco provavel que se haja estabelecido um acôrdo, entre eles, sobre este ponto.

Mas posso exprimir os meus sentimentos pessôaes.

Em principio, eu reprovo e combato «toda e qualquer Dictadura.» De outro modo eu não seria anarquista. Mas, para todo homem razoavel, a necessidade torna um dever aceitar, provisoriamente, certos procedimentos que as circumstancias fazem necessarios, quando esses procedimentos têm por objecto e devem ter como resultado a realisação do seu Ideal ou o encaminhamento dessa realização.

Exemplo: eu sou, por principio, inimigo da compressão e da guerra, pois que sou partidario da liberdade e da paz. E no entanto estou pronto a fazer a guerra, uma guerra violenta e brutal, si fôr preciso, ao Regimen actual, porque tenho a profunda convicção de que os Governos e os Exploradores jamais se deixarão despojar benevolamente dos seus instrumentos de dominação e de expoliação, e porque será necessario, para tal conseguir e fundar um Mundo novo, empregar a compressão e a violencia.

Em virtude de um raciocinio analogo, admito a necessidade, para a Revolução Russa, de estabelecer, por certo tempo, a Dictadura do Proletariado. Surgida porém, fatalmente, de circumstancias excepcionaes, esta Dictadura não deve sobreviver ás circumstancias que a geraram, e si a Dictadura bolchevista não cessar desde que se torne dispensavel, o dever dos anarquistas será atacal-a, então, com o mesmo encarniçamento que terão empregado para defendel-a das ofensivas coligadas de todas as reações: russas e estrangeiras.

∴

A' hora historica em que vivemos, o papel da França operaria pode ser dos mais consideraveis.

Ela sai algum tanto esgotada de uma guerra que não soube, não poude, nem realmente quiz impedir. E' urgente que ela se reorganize, não apenas tendo em vista a elevação dos salarios ou a diminuição das jornadas de trabalho, numa palavra, um labor menos extenuante e melhor retribuido, mas encetando contra o Patronato e o Estado seu cumplice uma luta sem quartel.

Esta batalha implacavel deve ser travada, pela gente do trabalho, sobre o unico terreno onde podem erigir-se face a face uns contra os outros: exploradores e explorados, governantes e governados.

Este terreno é o terreno da luta das classes.

Todo entendimento entre capitalistas e proletarios — por por mais seductor que seja o seu objectivo e por mais aceitavel que seja a sua fórma — seria, para a classe operaria, uma mistificação.

Seria uma grave falta si os militantes colocados á testa das organizações se deixassem arrastar, sem segunda intenção inconfessavel, pelo caminho semeado de ciladas da colaboração das classes; e si isto se desse por cobardia ou por calculo, os dirigentes operarios se tornariam então culpados da mais detestavel das traições.

(Paris, agosto de 1919.)

Não se sufoca o pensamento, como não se reduz a natureza. Quando são comprimidos, esta como aquele se vingam. Bem desgraçado é o povo onde se quer sufocar o pensamento. —*GEORGES PIOCH.*

Divulgae "Spártacus"!

A PRIMEIRA LEVA...

A exemplo do governo *radical* da Argentina, os macaquitos da governança *democratica* do Brazil deu começo ás deportações em massa de trabalhadores estrangeiros. A primeira leva seguiu no *Gelria*. Outras irão depois...

Está bem. Esperamos pela ultima leva. Porque depois da ultima leva, nós outros miseraveis jècas-tatus empunharemos os nossos bacamartes e os nossos picapaus e faremos seguir nas mesmas aguas os *indesejaveis* graudos, da alta finança, da alta industria, da alta imprensa... que poderão dar ordens aos nossos governantes, mas aos quaes absolutamente não estamos dispostos a submeter-nos.

E temos dito.

—

Vale a pena frizar a maneira como se efectuou o acto da deportação. Eis o que escreveu *O Paiz*, orgam policial, de propriedade do gatuno portuguez João Lage:

«Todos (os sete camaradas já sabidos) foram conduzidos secretamente para bordo, onde foram logo postos em lugar oculto.»

Como prova da legalidade do acto, não ha melhor testemunho...

—

Registramos a seguir, e subscrevemos integralmente, os protestos tornados publicos, do Comité de Defeza Libertaria e da Federação dos Trrbalhadores do Rio de Janeiro:

EXPULSÃO DE TRABALHADORES

O Comité de Defeza Libertaria, constituido por anarquistas brazileiros, protesta com a maior indignação contra a deportação apressada, clandestina e ilegalissima, pelo «Gelria», dos trabalhadores Ernesto Crocci, José Romero, José Madeira, José Maria Carvalho, Antonio da Costa Coelho, Galiano Tostões e Ricardo Perpetuo.

E' uma infamia, que a policia acaba de praticar e que não passará com o nosso silencio.

Esses homens são todos operarios honestissimos, que só do seu trabalho vivem, e nós desafiamos á policia ou a quem quer que seja a apontar o menor acto menos digno ou ilicito na sua vida.

Além disso residem todos no Brazil ha varios e muitos anos. José Romero veiu para o Brazil creança, aqui reside ha mais de 20 anos, aqui constituiu familia, tem uma filha brazileira e nunca saiu do Brazil.

Está largamente noticiado que foram todos conduzidos secretamente para bordo, onde os colocaram em logar oculto.

Porque esse misterio?

Evidentemente porque se tratava de um acto ilegal. Si fosse legal e legitimo, a policia não tinha necessidade de agir secretamente e ocultamente.

Neste caso portanto os criminosos, os que agiram fóra da lei, estão do lado da policia.

Novamente protestamos contra semelhante violencia e apelamos vehementemente para o proletariado do Brazil, para que secunde o nosso protesto e a ação que imediatamente encetaremos em defeza das liberdades publicas, meaçadas pelo arbitrio da policia.

Trabalhadores, alerta!

Comité de Defeza Libertaria.

Protesto contra a expulsão de sete camaradas

Reunida hontem (quarta-feira) a Federação, apreciando a atitude dictatorial das autoridades policiaes, em relação á expulsão sumaria de 7 trabalhadores, resolveu tornar publico o seu protesto e dar a relação dos anos de estadia de cada um desses individuos, victimas da prepotencia dos czares brazileiros.

Eis a relação:

José Romero, com 29 anos de residencia continua no Brazil, casado e com uma filha brazileira, empregado no comercio.

Galiano Tostões, carpinteiro, com 14 anos de residencia e com familia aqui.

Ricardo Corrêa Perpetuo, com 11 anos de residencia, empregado no comercio.

José Madeira, pintor e empregado da Light, com 6 anos de residencia.

Antonio da Costa Coelho, padeiro, com 10 anos de residencia.

José Maria de Carvalho, padeiro, casado e com filhos brazileiros.

Ernesto Romano Crocci, pintor e com 3 anos de residencia.

Pela descrição que fica exposta se poderá verificar a ilegalidade do acto das autoridades.

Além dessa arbitrariedade, burlando a lei de residencia, (como sempre acontece quando se trata de trabalhadores) a policia agiu com prepotencia e de prevenção, pois que tres dos expulsos foram presos na tarde do domingo, apenas 24 horas antes do embarque.

Como se vê, estamos numa situação verdadeiramente critica e que precisa ser encarada com desassombro e altivez, pelo proletariado.

Por esse motivo a Federação resolveu convocar para amanhã, ás 7 horas da noite, na Praça da Republica, 58, uma reunião de todos os trabalhadores em geral, para tratar da repatriação dos operarios estrangeiros, em vista de não terem garantias por parte das autoridades.

Fazemos um apelo a todos os trabalhadores para que compareçam a esta reunião. — A Comissão Federal.

PARA A NOSSA HISTORIA

A Conferencia de Amsterdam

Falhos de noticias seguras do que vai pela Europa, faziamos aqui um erroneo juizo sobre a Conferencia de Amsterdam. O relatorio que o camarada Canellas leu á Federação elucidou-nos, neste como noutros pontos. Publicamos a seguir, para esclarecimento dos trabalhadores, a parte desse relatorio referente á reunião de Amsterdam.

A realização da Conferencia Internacional Sindicalista de Amsterdam era esperada na Europa com uma certa anciedade porque se julgava que nessa reunião iriam definir-se os pontos de vista do operariado internacional sobre os graves assuntos que a guerra pôz em fóco e cuja solução urge muitissimo.

Fazia já quatro anos que a Internacional Operaria não se reunia e durante esse tempo produziram-se tantos e tão transcendentaes acontecimentos, que se tornava necessario reformar por completo não só a organização da Internacional como o proprio programa e a tactica sindicalista.

A convocação da Internacional Sindicalista para um Congresso a se reunir em Amsterdam no dia 28 de Julho foi decidida por Jouhaux e Oudegeest, n'uma reunião que tiveram em principios de Março, na Holanda.

Nessa reunião ficou tambem assentado que o programa dos trabalhos da Internacional seria o seguinte:

1° — Programa e tactica sindicalista;

2° — Luta para a fiscalização e a posse das industrias e da terra;

3° — Atitude a adotar para com o maximalismo, o militarismo e os conselhos de operarios e soldados;

4° — Atitude sindicalista para com os contractos de imigração dos operarios, de todos os paizes;

5° — Fixação da ordem dos trabalhos da nova conferencia internacional a reunir-se em Fevereiro proximo.

A julgar por esta ordem de trabalhos, a conferencia de Amsterdam teria uma transcendental importancia no momento actual. Era de esperar que a União Sindical Internacional abandonasse a tactica pesada e conservadora que a dirigia antes da guerra. Atribuia-se essa tactica á influencia da organização alemã que no seio da Internacional ocupava logar proeminente — sinão

logar de direção. Mas a séde da Internacional havia sido retirada de Legien, o presidente da central dos sindicatos alemães, e confiada a Jouhaux, da C. G. T. franceza, e a Oudegeest, holandez, por isso era de crêr que a ação da Internacional, agora, fosse diferente da que tinha sido antes da guerra.

Jouhaux e Oudegeest fizeram as convocações para a conferencia Internacional. Mas sucede que essas convocações foram inspiradas no principio burguez das pequenas e das grandes potencias e dahi resultou que se fez grande empenho para o comparecimento destas, ao passo que se ménosprezou o concurso daquelas.

Os Estados Unidos são uma grande potencia. O secretariado da Internacional convidou a organização operaria norte-americana a comparecer a Amsterdam. Gompers, presidente da Federação Americana do Trabalho, impôz, como condição do seu comparecimento, umas tantas exigencias que o secretariado teve a baixeza de aceitar mas não teve a hombridade de tornar publicas. Suponho que as exigencias de Gompers referiam-se a certas clausulas da ordem do dia da Conferencia que, pelo seu imenso valor revolucionario, não estava de acôrdo com a orientação conservadora e reformista da Federação Americana do Trabalho. O facto é que a Conferencia de Amsterdam não abordou nenhum dos assuntos mencionados na ordem de trabalhos a que me referi atraz e que, pelo contrario, tratou de assuntos completamente diferentes, como fossem a Liga das Nações, as responsabilidades da guerra e outras frivolidades. Para obter o comparecimento dos Estaaos Unidos, uma «grande potencia», o secretariado da Internacional sacrificou o seu programa de trabalho e para obter o comparecimento das nações da America do Sul — pequenas potencias — não fez sacrificio algum.

Os governos burguezes da Europa, cousa que nem todos sabem, exerceram um contrôle rigorosissisobre a Conferencia de Amsterdam. A esses governos, especialmente á França, era de conveniencia que a Internacional Operaria não definisse principios, não abordasse os assuntos importantes que preocupam actualmente a classe operaria. Para conseguir isso, nada melhor do que fazer uma escolha dos delegados, isto é, só deixar comparecer a Amsterdam aqueles cujas idéa são mais ou menos as da burguezia.

E assim se fez:

Da França, compareceu Jouhaux, o qual, para o publico ignorante, não é mais que o secretario da C. G. T., mas que os que sabem analisar os factos talvez não errem por forma alguma em vendo nele um secretario particular de Clemenceau:

Da Alemanha, compareceu Legien, celebre trampolineiro que apoiou servilmente o Kaiser durante a guerra e que ainda hoje ousa intitular-se representante dos trabalhadores:

Da Holanda, Oudegeest, conhecidissimo pelo seu moderantismo: compareceu tambem um delegado dos dissidentes sindicalistas holandezes, um elemento avançado, mas a voz deste não poude impor-se no meio daquela estrumeira moral:

Da Inglaterra, Appleton, que representa simplesmente uma minoria do operariado inglez e cujas qualidades moraes são as mesmas de Legien, Jouhaux, Gompers, etc.;

Da Hespanha, Largo Caballero e Juan Besteiro, dois socialistas que outr'ora tiveram fibra mas que ultimamente vêm-se domesticados sob o jugo conservador do governo de Affonso XIII;

e finalmente da America compareceu Gompers, o famosissimo Gompers, o milionario furador de gréves, o agente do governo e dos capitalistas americanos.

Que sucia de canalhas!

Não compareceram á conferencia, por o Governo lhes haver recusado os passaportes, os seguintes elementos:

D'Aragona, o nobre secretario geral da Confederazione del Lavoro, homem que dignamente representa o proletariado italiano, pois que é tão avançado e tão puro de convicções quanto este:

Segui, dos sindicalistas catalães, isto é, dos unicos e verdadeiros sindicalistas hespanhóes:

Alexandre Vieira, da União Operaria Nacional de Portugal, que é uma associação verdadeiramente sindicalista, e finalmente eu, que, sem possuir as qualidades de saber dos ultimos representantes operarios que venho de citar, procuraria, não obstante, acompanhar estes na atitude que decerto tomariam, procurando dar á Conferencia de Amsterdam o cunho revolucionario que ela deveria ter.

De forma que a Conferencia de Amsterdam não se revestiu absolutamente de importancia alguma.

Foi uma simples reunião de patrioteiros que se comprometeram — e bom proveito isto lhes trouxe — com os seus respectivos governos durante a guerra e que agora, finda esta, ainda procuram servir esses mesmos governos em desviando a classe operaria do seu verdadeiro caminho.

A Amsterdam compareceram delegados das seguintes nações:

Holanda, Belgica, Alemanha, França, Suissa, Austria, America do Norte, Inglaterra, Suecia, Luxemburgo, Noruega, e creio que da Tcheco-Slovaquia. Foi uma Conferencia Internacional em ponto pequeno e a Internacional que dela sahiu reorganizada é uma Internacional-Mirim.

Os trabalhos da Conferencia de Amsterdam resumiram-se mais ou menos no seguinte:

Ao principio, na abertura da Conferencia, Mertens, delegado belga, exigiu a discussão da questão das responsabilidades da guerra. Esta discussão durou mais de dois dias e terminou por uma declaração de Sessenback, um dos delegados alemães, em que este reconhecia, em nome da delegação alemã, que tinha sido de facto a Alemanha a unica responsavel da guerra. Tal declaração foi depois repudiada pelos sindicatos alemães, o que motivou nova discussão sobre o assunto e mais uma evocação á eterna má fé dos alemães.

Passou-se depois á questão da liquidação da antiga Internacional. As contas apresentadas pelos alemães, que dirigiam o antigo secretariado, foram declaradas exactas e tratou-se em seguida da eleição do secretariado novo, tarefa que constituiu objecto de longas discussões estereis e que consumiu quasi todo o tempo da conferencia.

Os delegados presentes á Internacional estavam divididos em tres grupos com opiniões opostas: os alemães, com os holandezes, os austriacos e os scandinavos, queriam a presidencia para um neutro, o holandez Oudegeest; os americanos, os belgas e os inglezes, queriam um presidente de lingua ingleza; e finalmes os francezes, os hespanhóes e talvez os suissos, pretendiam a presidencia para Jouhaux, francez. Venceriam afinal os alemães e o seu grupo si os hespanhóes, francezes e suissos não tivessem aberto mão de suas pretenções e concordado com a candidatura de Appleton, inglez. Os alemães e os austriacos abstiveram-se de votar. O secretariado da nova Internacional ficou assim constituido:

Appleton (inglez) presidente:

Jouhaux (francez) 1° vice-presidente:

Mertens (belga) 2° vice-presidente;

Fimen (holandez) 1° secretario-tesoureiro:

Oudegeest (holandez) 2° secretario-tesoureiro.

Quasi no fim da Conferencia, foi abordada a questão da Conferencia de Washington e da Liga das Nações. Jouhaux, da C. G. T. franceza, foi quem abriu a discussão sobre o assunto. A Conferencia de Washington só encontrou a oposição de um delegado dos dissidentes sindicalistas holandezes, que a classificou de «comedia internacional». Mas Jouhaux apressou-se a tomar a defeza da Conferencia de Washington, aproveitando a ocasião para exaltar a Liga das Nações, cousa que ele faz a proposito e a desproposito, com uma insistencia que já o torna suspeito. Demais, quem serviu Clemenceau durante a guerrra, servirá de bom grado Wilson durante a paz. Isto valerá, talvez, a Jouhaux um bom logar na Liga das Nações, como a sua colaboração com Clemenceau lhe valeu um logar na Conferencia da Paz. Ah! os *profiteurs* do sindicalismo!

Si houve unanimidade na decisão de comparecer a Washington, não obstante tambem houve uma discordancia na maneira do comparecimento.

Um delegado inglez e Samuel Gompers achavam que não se deveria impôr condição alguma. Os outros congressistas eram de opinião que a Internacional Operaria só deveria comparecer a Washington com a condição de que ahi fossem convidadas todas as nações inclusive a Alemanha. Tambem decidiram que em Washington a Internacional opuzesse a carta do trabalho aprovada em Berna á que a conferencia da paz ia fazer aprovar.

Isto causou indignação a Gompers, que defendeu ardorosamente a conferencia da paz e o tratado de Versailles, ameaçando abandonar a Conferencia si se ouzasse criticar aquele monumento de sabedoria e justiça — no entender dele.

Legien, delegado alemão, fez criticas acerbas contra o tratado de Versailles, o que exasperou ainda mais Gompers.

Afinal, fez-se apêlo á disciplina e aprovou-se a participação á Conferencia de Washington sob a condição de a ela serem convidadas todas as nações. O delegado da dissidencia holandeza havia proposto que os soviets russos tambem fossem convidados, mas Jonhaux replicou-lhe logo, pondo em evidencia o «absurdo» desta proposta. Que patife!

Depois foi tambem aprovado um anemico protesto contra a intervenção dos aliados na Russia e o bloqueio deste paiz pelos aliados. Foi tão ridiculo este protesto que até Gompers o aprovou.

Ventilaram-se mais algumas pequeninas questões, sem nada resolver de resto, e foi tudo quanto fez a tal Conferencia Internacional Sindicalista de Amsterdam.

E note-se que emquanto os patrioteiros reunidos em Amsterdam discutiam todas essas ridicularias, os aliados levavam a efeito a sua ofensiva contra a republica dos soviets hungaros, que terminou, como se sabe, pelo esmagamento desta.

E os miseraveis patrioteiros de Amsterdam não tentaram nenhuma ação em defeza do proletariado hungaro, limitando-se a fazer aprovar um protesto de meia duzia de palavras, o qual protesto, quem sabe até si, por escarneo, foi incluido num relatorio em que se exaltava ao absurdo a Liga das Nações e portanto Wilson, *um dos inspiradores da criminosa ofensiva contra os comunistas hungaros.*

Que vergonha! Que semvergonhismo!

Antonio Canellas

Marchas e contra-marchas

O texto da Constituição Federal, em relação á entrada e sahida de estrangeiros, é taxativo: *qualquer* pessoa pode livremente entrar no Brazil, ou dele sahir, independente de passaportes. O Sr. Aurelino, de gloriosa memoria, tentou uma peregrina exegese desse texto, mas em vão: ele é clarissimo.

Em 1907 o governo Affonso Pena forjou uma lei de expulsão, na qual se dispunha a seguinte restricção:

"Art. 3°. Não pode ser expulso o estrangeiro que residir no territorio da Republica por dois anos continuos, ou por menos tempo, quando:

a) casado com brazileira;

b) viuvo com filho brazileiro."

Em 1913 o governo Hermes cortou cerce essa restricção consignada na lei de 1907, abolindo-a pura e simplesmente, num decreto de revogação.

Mais tarde o Supremo Tribunal Federal, em acordam conhecido, declarou a manifesta inconstitucionalidade dessa revogação arbitraria.

Agora, pela centesima vez, o poder legislativo tem na forja uma nova lei dos *indesejaveis*. O projecto é de autoria do Sr. Arnolpho Azevedo e contém esta disposição:

«Art. 4° Não pode ser expulso o estrangeiro que residir no territorio nacional por mais de 5 anos ininterruptos...»

Marchas e contra-marchas. A policia, porém, é mais expedita e positiva: pega o estrangeiro, trabalhador altivo e rebelde, e mete-o no primeiro vapor que atracar ao caes. E acabou-se.

Acabou-se? Não, em boa verdade, não se acabou. Antes, começa apenas. E ha de acabar de geito muito diverso daquele que pretendem deputados, ministros e policiaes...

Aurelio Corvino.

Eu creio ser um erro perigoso o facto de querer prender o pensamento. Quanto maior é o perigo de se expôr uma idéa, tanto mais essa idéa ganha em interesse. Os delictos do pensamento são, para a classe operaria, a maior afronta que se pode fazer á sua dignidade. O povo ama a verdade. Porque escondel-a aos seus olhos? E pretende-se, agora, sufocar o pensamento daqueles que defendem a sua causa... Ainda uma vez, isso é perigoso, permiti que vol-o diga.—SEVERINE.

Rerum novarum

Ultima nota

Escrevendo estas notas no *Spártacus* não me moveu a menor parcela de vaidade. Escrevendo mal, como tenho a convicção de que escrevo, o valor que elas possam ter é, sem duvida nenhuma, extremamente reduzido Não escrevendo, pois, por vaidade, visto que não ha de onde a possa extrahir, a minha necessidade de escrever só pode ser e só deve provir disso a que chamamos temperamento. O meu temperamento impele-me a escrever algumas vezes, como a outros os impele num sentido exactamente contrario.

Mas escrevendo e enviando as minhas notas aos jornaes, com o meu nome e a minha responsabilidade, pensava exercer um legitimo direito garantido por lei e assegurado na constituição do paiz. Factos recentes demonstram-me que esse direito não existe. A aprehensão sistematica deste jornal e d'*A Plebe* de S. Paulo, não dizem outra coisa.

Assim, diante desta singular maneira de garantir direitos e surripiar direitos, retiro-me, sem pesar e sem ruido, da imprensa deste paiz. Não escreverei nem mais uma linha, mesmo má, mesmo mal escrita, como fatalmente têm sido todas.

Entretanto, como o meu temperamento subsiste e, com ele, a necessidade, mais ou menos incompressivel, de dizer o que penso, quer se trate de homens, de costumes ou instituições, canalisarei para os jornaes da Europa aquilo que, no Brazil, a lei permite que se escreva, mas os homens, servidores e defensores dessa lei, não querem ou não podem permitir. Digo *não podem permitir*, porque não considero o Brazil um paiz politicamente independente, mas uma colonia, uma simples e méra colonia de inglezes, francezes e americanos. O Brazil é, em ponto grande, o que é Portugal em ponto pequeno, e como Portugal e Brazil mais ou menos todos os paizes do universo, excepto a Russia.

Quanto á revolução social, que tanto parece preocupar os dirigentes brazileiros, eu tenho esta simples e muito timida opinião. A revolução social ha de vir da Europa ou da America do Norte, e, quando ela se produzir, o Brazil será o que fôr a America do Norte ou a Europa Porque é preciso que se saiba. Na America do Norte e na Europa ninguem se preocupa com o Brazil social e revolucionario. Emquanto no Brazil se aprehende *Spártacus*, um simples semanario, com 8 ou 10 mil exemplares de tiragem, os diarios bolchevistas e anarquistas tanto na Europa como na America do Norte circulam aos milhões. Basta referir alguns: *Le Populaire*, diario bolchevista, tira diariamente em Paris, 300 mil exemplares; *L'Humanité*, de tendencias bolchevistas, meio milhão de exemplares; *Le Libertaire*, anarquista, 200 mil. Isto na França. Na Italia é suficiente citar *Avanti!* sahindo simultaneamente em Roma, Turim e Milão com 500 mil exemplares de tiragem, e *Umànità Nova* diario anarquista recentemente fundado em Roma e quando a Italia atravessa o seu peor quarto de hora.

Parece que estes dados são suficientemente instructivos para nos darem uma idéa de como o medo dos dirigentes do Brazil ao bolchevismo e anarquismo é assaz ridiculo.»

Acreditava nos beneficios da propaganda e das idéas novas no Brazil. Acreditava, porque embora esta propaganda não determinasse o advento de uma revolução social isolada, tinha a virtude de chamar a atenção das classes privilegiadas para esta propaganda, instruindo-as e preparando-as ao mesmo tempo para o acto final do regimen burguez, tornando menos aspera e dolorosa a inevitavel transformação, que se aproxima. E acreditava ainda noutro beneficio. E' que a liberdade de palavra e de imprensa evitaria tambem outra calamidade: a propaganda pelo facto, que sempre surgiu onde aquela liberdade cessou.

Do lado do governo era-lhe facil, facilimo mesmo, combater esta propaganda. Os jornaes burguezes que se alugam para todas as causas tambem se alugariam para esta, e, assim, contra um simples semanario, mal feito e mal escrito, teria o governo, para o anular, todas as penas adextradas do paiz.

Vê se que o governo está em erro e com o seu erro eu o deixo. Não desejo assumir a menor parcela de responsabilidade no que venha a suceder. Por isso me retiro, oportuna e prudentemente.

Mas retirando-me, eu desejo fazer esta simples, necessaria e ultima declaração. A expulsão, sem qualquer fórma de processo, sumaria e de surpresa, de alguns amigos meus, embarcados violentamente no *Gelria*, com destino á Europa, faz-me supôr que a mesma violencia possa ocorrer comigo. Todos eles tinham, no Brazil entre tres e 30 anos de residencia, e José Romero era pae e padrasto de brasileiros, e negociante matriculado. Sei que a cada um dos ex pulsos entregou a policia, além dos seus passaportes, certa soma em dinheiro.

Pois bem. Eu que resido ha vinte anos no Brazil, que sou casado no Brazil, que tenho dois filhos brazileiros, que fiz o meu curso de bacharel em direito numa Faculdade brazileira, que formei o meu espirito no Brazil, eu, aceitando a violencia da policia, repudio a sua generosidade e o seu dinheiro, repudio a hospitalidade do governo do Brazil, que o governo do Brazil me oferece á custa e sob condição do meu silencio e do sacrificio da minha liberdade da opinião.

Repudio e espero. Espero que o governo — si alguma coisa valho, si alguma coisa pertubo, si, por alguma coisa, sou para ele indesejavel — espero que o governo me convide simplesmente a retirar-me.

Poupar-nos-emos reciprocos incomodos, perfeitamente inuteis.

Roberto Feijó.

Partido Comunista do Brazil

Na sua reunião de sabado ultimo, a assembléa aprovou as normas de formação dos nucleos desta cidade, apresentadas pela comissão de secretarios dos referidos nucleos, a qual se reunira para esse fim em virtude de deliberação anterior de assembléa geral.

São as seguintes essas normas:

1. Os nucleos pelos bairros e suburbios surgirão expontaneamente e tantos quantos forem necessarios.

2. O conjunto desses nucleos formará a Secção do Rio do P. C. B.

3. Os nucleos só resolverão as questões de seu interesse particular, sendo as questões de interesse geral resolvidas pela Secção.

4. Quando a Secção tiver que fazer qualquer despeza, que redunde em beneficio de todos os nucleos, estes a auxiliarão.

5. Por motivo de ordem, o associado, cujo nome figurar no livro de inscrição dum determinado nucleo, não deverá inscrever-se noutro nucleo. Isso não impede, porém, que esse associado tome parte nas deliberações de qualquer nucleo, ou mesmo que exerça ahi qualquer função de secretaria ou outra, pois que o associado de qualquer dos nucleos é considerado membro da Secção e portanto de todos os nucleos.

—

Nessa mesma assembléa tratou-se ainda da questão dos nossos presos, bem como de uma proxima excursão de propaganda, ficando uma comissão encarregada de estudar o assunto.

"Spártacus"

Sem anuncios e sem publicidades pagas de qualquer ordem, Spártacus, *além da receita da venda e das assinaturas, conta principalmente com o auxilio das subscrições voluntarias.*

Um dia depois do outro...

No seu livro sobre *La Russie Bolcheviste*, o burguez Etienne Antonelli, traçando a biografia dos primeiros comissarios do povo, enumera as perseguições sofridas por esses homens durante os duros tempos da propaganda revolucionaria, sob a autocrocia czarista.

Lénine, em 1887, com dezesete anos apenas, é excluido da Universidade de Kazan, por participação numa agitação revolucionaria de estudantes, sendo-lhe interdicta a residencia na cidade. Em 1896 ele é envolvido num processo feito contra o grupo petersburguense dos social-democratas e, por julgamento de 29 de Janeiro de 1897, condenado a um exilio de 3 anos na Siberia.

Trotski sofre a primeira perseguição em 1898, num processo judiciario contra o Sindicato Operario do Sul da Russia. Julgado em 10 de Outubro de 1899, enviaram-n'o para a Siberia, por 4 anos. Evade-se. Presidente do Soviet de Petrograde por ocasião da primeira revolução russa, ele é condenado, a 13 de Outubro de 1906, á privação dos direitos civis e enviado de novo para a Siberia. Nova evasão. Viveu depois em Viena, depois em Paris, de onde é expulso em 1916, pelo crime de pacifismo. Esteve depois internado po Canadá.

Lunatcharski é inculpado num processo por propaganda revolucionaria entre os operarios em Moscou, no anno de 1899. Por julgamento de 15 de maio de 1902, ele é enviado para Viatka, sob o regimen de vigilancia policial, por 2 anos. Preso de novo mais tarde, por mandato da policia de Kief, que o acusava de distribuição duma proclamação revolucionaria nessa cidade, em 1900. Em 1906 processado de novo.

Noghine é preso pela primeira vez em Petrogado, a 16 de dezembro de 1898, e exilado para Poltava por 3 anos. Evadiu-se. De novo condenado a exilio para Ienissei, em 1901, torna a evadir-se, em 1903. Preso de novo em 8 de março de 1904, em Nikolaief, e exilado para Arkangel, outra vez novamente se evade, em 1905. Outra vez preso, a 1 de Outubro desse ano, em Moscou, por tomar parte na conferencia dos representantes profissionaes do centro dos operarios de usina. Condenado a 3 anos de prisão. Liberto, volta a Moscou, em 1908, onde é preso, a 17 de agosto, e exilado por 4 anos para a Siberia. Nova evasão, em 1909. Nova prisão e novo exilio em 1910. E ainda nova evasão. Em 25 de março 1911, Noghine é outra vez mais preso, em Tula.

Svortzov é acusado pela primeira vez, como terrorista, em 1895, por fabricação de materias explosivas, e colocado sob a vigilancia da policia durante 3 anos. Preso em 1899, em Tula, por propaganda entre os operarios. Exilado por 3 anos para a Siberia, em 1902. Voltando á Moscou, é preso em 1905. Preso ainda em 1908, mas logo solto. De novo condenado, a 18 de fevereiro de 1911, a 3 anos de exilio no governo de Astrakan.

Avilov, condenado a 3 mezes de prisão em 1907.

Djugachvili, condenado e exilado para Vologda, evadindo-se a 29 de setembro de 1908. Novamente preso, novamente evadido. Preso pela terceira e exilado por 3 anos, em 1912. Ultima evasão em 1 de setembro de 1912.

Ricof, interdição de residencia em 1908. Regressando á Russia, é exilado, a 1 de fevereiro de 1910, para o governo de Arkangel, de onde se evade a 8 de dezembro. Recapturado, é de novo exilado por 4 anos, mas consegue ainda evadir-se, a 20 de setembro de 1914.

Eis ahi...

Mas não ha nada como um dia depois do outro. Os perseguidores e verdugos desses homens, czares, grãos-duques, ministros, juizes, policiaes... a estas horas — ou estão com a cabeça fóra dos hombros, ou têm que cavar a vida ali no duro, si querem comer.

E as suas victimas, depositarios da confiança do povo, são hoje os reorganizadores e reconstructores da velha sociedade moscovita.

A bon entendeur... salut!

Congressos Operarios

Ha pouco reuniu-se em Pernambuco, por iniciativa da Federação estadoal, um congresso operario regional, comparecendo ao mesmo representantes de todas as organizações sindicaes, da cidade e do campo, existentes naquele estado.

Importantes deliberações foram tomadas, que de certo muito beneficiarão a obra de organização e defeza proletaria ali.

Tambem no Rio Grande do Sul se promoveu uma reunião semelhante, entre as associações operarias do estado.

Em S. Paulo, por iniciativa da Liga Operaria de Campinas, já se anuncia igualmente a reunião dum congresso regional, que deverá realizar-se em 11 de novembro proximo.

Como trabalho de coordenação geral desses esforços regionaes, a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro resolveu convocar o 3° Congresso Operario Brazileiro, para breve, ao qual comparecerão delegados de todo o Brazil e onde se cuidará, entre outros graves problemas da hora, da reorganização da Confederação Operaria Brazileira.

A maquina e a ação directa

Euclydes da Cunha coloca o operario num nivel inferior ao da maquinna. Ele observa profundamente a desigualdade de condições entre aquele e esta: ambos instrumentos do industrial, este se serve dos dois para acumular os seus capitaes; mas, ao passo que ele se desvela em atenções e cuidados com a maquina, que foi comprada com dinheiro indirectamente extorquido aos trabalhadores, estes são objecto de indiferentismo e de desdem, considerados como são pelo industrial como mercadoria substituivel desde que os seus braços *não correspondam* ao salario estipulado pelo patrão.

D'essa situação nasce no cerebro do operario uma idéa erronea de animadversão, de odio á maquinaria, não raro se ouvindo dizer que as maquinas só servem para desgraçar os operarios, chegando alguns á conclusão de que seria preciso destruir motores e engenhos, serras e tup... como o unico meio de evitar a miseria e o excesso de braços que cada vez mais dificultam a vida das classes pobres.

Não pensam que, para chegar a esse ponto, teriamos que matar a mecanica e a metalurgia, como tambem — um absurdo — aniquilar o cerebro que inventa e descobre, que crêa e constróe, e mais do que isto, seria necessario negar a existencia da humanidade, da qual somos a parte activa.

Entretanto, colocando essa questão no terreno positivo da sociologia, raciocinamos do seguinte modo. O patrão, industrial ou fazendeiro, pertence á classe dominante que se apossou dos bens, que deveram estar nas mãos dos que produzem. Assim, o sólo e o sub-sólo, os instrumentos de produção e o sistema de distribuição, que por *direito* deviam ser geridos pelos productores, estão em mãos de capitalistas que, pela *força* das leis e das baionetas impõem aos trabalhadores um regimen que lhes permite adquirirem o necessario para não estourar de fome.

E' é como consequencia desse mal-estar social que o proletariado se organiza em associações de resistencia, em sindicatos, onde, conjunctamente, estuda a sua situação e onde se acostuma á luta de classes, nas gréves e nas questões discutidas face a face com os senhores que nos *dão* o pão quotidiano.

Convictamente somos de parecer que os trabalhadores devem optar pelo sindicalismo, como o metodo mais eficaz nas lutas permanentes que os assalariados têm a sustentar com os seus exploradores.

Por sua vez, todos os companheiros que se dispuzerem a militar no movimento sindicalista, devem ter sempre em mente o que disse Jean Grave quando fazia sentir a necessidade de uma finalidade socialistica para o sindicalismo. Para que não fique preso a um circulo vicioso de reclamações restrictas e a um egoismo prejudicial á colectividade, «é necessario — diz ele — que o sindicato se vá colocando á altura das idéas que nele devem desenvolver-se, que se transforme á medida que se modifique a mentalidade dos que o compõem.»

Da ação directa nasce a consciencia de classe e é dessa consciencia que devemos esperar a obra renovadora e transformadora. Passou o tempo dos messias: devemos nós, com o nosso proprio esforço, emancipar-nos do jugo capitalista, transformando essa pôdre sociedade burgueza em um regimen onde a maquina seja a colaboradora do homem e não a *socia mais bem aquinhoada* que é hoje.

A maquina deve ser o meio de aliviar o trabalho humano e não um motivo de recrudescimento da concurrencia entre os miseraveis, com a qual só lucra o capitalista.

Trabalhemos pois!

Rio, 16-4-919.

Adolpho Busse.

A Razão deu agora para insultar-nos. Ainda ha dias, a proposito da expulsão de operarios amigos e camaradas nossos, o orgam astral, manejando a intriga entre os anarquistas e os trabalhadores, disse uns nomes feios contra Oiticica e Astrojildo. Varios camaradas falaram-nos para que respondessemos. Absolutamente! Nós não temos rabo de palha, como o comendador Mattos—de cuja vida, desde Santos, conhecemos alguma coisa — e sua tropilha, nada devemos e nada tememos, e em segundo lugar positivamente não levamos *A Razão* a serio, considerando-a digna de respostas. Desprezamol-a profundamente, e rimo-nos gostosamente das suas parvoices em negrito, em grifo e em redondo. E além de tudo, ha a considerar que contra o Mattos só um meio eficaz existe de o aplacar: camisa de força...

Contra-reação

Promovida pela Federação dos trabalhadores, efectuou-se ante-hontem, na praça da Republica 58, uma grande assembléa de protesto contra as arbitrarias e violentas deportações de trabalhadores.

O vasto salão estava literalmente apinhado, e a mesma vibração de indignada revolta irmanava aquela multidão de rudes mas conscientes e generosos obreiros, irrompendo candente da boca dos numerosos oradores.

Falaram muitos dos presentes e de todos os discursos o mesmo brado resoava: a nossa força é o nosso braço productor, de que vive a sociedade; paralizemol-o, em sinal de solidariedade pelos companheiros deportados e de protesto contra o acto governamental, e a sociedade, que não póde viver sem o nosso labor, terá que se submeter á nossa vontade...

A gréve geral! Esta é, de facto, a grande arma. A manejal-a, trabalhadores!

Ecos do Norte

Realizou-se domingo, 21 do corrente, a coroação de *nossa* Sra. do Carmo. A estupidez religiosa chegou ao cumulo. A cidade ficou cheia de hospedes de todas as categorias: arcebispos, bispos, conegos, padres, fanaticos corridos de todos os municipios e Estados adjacentes. A burguezia devera ter dito intimamente: ainda posso descançar; o meu povo é catolico convicto... A imprensa em letras garrafaes vivou a padroeira do Recife, exaltou as *excelentes qualidades* da canalha santa, etc., etc.

O mais importante é que a corôa da santa custou 60:000$, quantia essa tirada miseravelmente dos minguados salarios dos proletarios por processos clericaes. Na ocasião da coroação, os famintos pediam esmolas e catavam restos de alimentos pelo lixo, emquanto um idolo de pau ostentava uma corôa de ouro! No palco armado na praça publica para ensenação da comedia estava, além da graúda clericanalha, alguns industriaes, entre os quaes o barão Vandesmet, um dos uzineiros mais reacionarios que existem aqui pelo Norte. E emquanto a burguezia num palco venera (ou finge venerar) um idolo, alguns camaradas audazes espalham um boletim rubro sob o titulo: *A Orgia Clerical*, que foi uma bôa vergastada no focinho dos pulhas...

—A policia prometeu á Sra. do Carmo acabar com os maximalistas. Assim começaram prisões sem motivo que se justificasse. Nestes ultimos dias foram presos dois camaradas, alegando os cães policiaes que eles eram maximalistas... Peior foi com o camarada Maciel: prenderam e deportaram-n'o para o Sul, sem a menor satisfação. E o que fez o proletariado organizado?

E' bem possivel que estejam esperando que as leis produzam efeito.

E note-se que a imprensa da oposição que sempre procurava explorar todos os movimentos operarios calou-se como uma meretriz quando ganha os seus niqueis; e nada disse a respeito.

—Na cadeia desta cidade estão cumprindo a pena imposta pela canalha burgueza alguns grevistas da Companhia de Bondes por crime de sabotagem. Já foram pronunciados e o que é de admirar é que a *carneirada* da referida Companhia não fizesse um protesto publico contra essa infamia do capitalismo estrangeiro. Quando os operarios declararam gréve a imprensa burgueza disse que a gréve era dirigida por operarios estrangeiros.

Agora nós dizemos: As perseguições aos operarios são dirigidas pelos capitalistas estrangeiros contra os operarios brazileiros. Onde ficou o patriotismo da imprensa burgueza? Talvez no cofre da companhia de bondes...

Ah! canalha graúda, um dia nós ajustaremos as contas...

Recife, 25-9-919.

Alencar.

Boletim da guerra social

Através os telegramas da semana

Na Italia

Apezar da obra imperialista de D'Annunzio, odiosa e mesquinha, são consoladoras as noticias que nos chegam da Italia, as quaes nos evidenciam não terem morrido no coração italiano as aspirações de liberdade e de justiça.

Eis as noticias:

Durante a recepção dos delegados á convenção socialista italiana, na Municipalidade de Bolonha, foram ouvidas exclamações de "Viva Lenine". Intervindo a policia, com as habituaes provocações e arbitrariedades, estabeleceu-se grande conflicto, de que sahiram feridas algumas pessoas da multidão.

N'uma das sessões da convenção, o editor do "Avanti" Serrati manifestou-se favoravel a um programa maximalista para a Italia, declarando, além disso, estar iminente o embate final entre o proletariado e o capitalismo.

Ao contrario de Serrati, o ex-ministro Turati condenou as tendencias extremistas actuaes, sendo porém fortemente vaiadas as suas observações.

Póde concluir-se, destas noticias, sem receio de errar, o descontentamento do povo italiano pelo regimen social vigente e a sua anciedade por libertar-se do jugo que o oprime tiranicamente.

Serrati tem razões de sobra.

Não só na Italia como tambem em todos os paizes, está iminente o encontro final entre as forças proletarias e as forças capitalistas. E fatalmente, irremediavelmente, o triunfo será daquelas, ao lado das quaes se encontra a justiça.

Na França

Para não lhe retirar o sabôr particular, vamos trasladar para estas colunas o despacho telegrafico do correspondente da United Press, o sr. John Gandt, publicado ha dias por um dos matutinos cariocas, subordinado ao titulo "A ameaça do bolchevismo na França". Eil-o na integra:

PARIS, 22 (U. P.)—O anti-bolchevismo promete ser o ponto principal nas proximas eleições parlamentares em França. Amite-se que o bolchevismo está fazendo rapidos progressos em todo o paiz. Esse progresso tem atingido um tal sucesso, que o Sr. Franklin Bouillon, *leader* do partido radical, dirigiu um apelo a todos os partidos para formar um bloco nacional contra o movimento.

Ainda não chegou a hora para a dictadura dos soviets em França, porém o poder das idéas radicaes aumenta e torna-se cada dia mais ameaçador.

Admite-se que o exemplo russo e a propaganda radical têm pouca responsabilidade pela crescente força do bolchevismo.

As principaes razões são a carestia da vida, os *profiteurs* e a administração civil e militar não satisfatoria. Esses factores crearam um novo espirito entre as classes de pessoas exhaustas, muitas das quaes trabalham ainda sob condições da mais extrema miseria.

A guerra havia impedido levantes materiaes do bolchevismo. Já havia naquele tempo muito sangue e muita destruição. Aqueles que acariciavam as idéas maximalistas sabiam que as suas esperanças não podiam ser realizadas emquanto os alemães estavam sendo combatidos. Agora, entretanto, a desmobilização está rapidamente em progresso. Os homens que antigamente combatiam o inimigo comum da nação franceza, estão se reunindo e insistindo pela eliminação das novas condições de vida que, segundo muitos dizem, é positivamente intoleravel.

Muitos queixam-se de que a liberdade de que antigamente gozava o operariado francez e que foi sendo gradualmente restringida e abolida durante os cinco anos de guerra, não foi ainda restabelecida. Declaram que grande numero de deputados e senadores francezes se tornaram autocratas, esquecendo-se de todos os principios de liberdade franceza, segundo os quaes foram eleitos. As facções trabalhistas admitem que a solução do actual problema seria uma revolução. Já tem havido muitas perdas de vida, entretanto, e acredita-se que haverá mais probabilidades de restauração da liberdade por meios pacificos.

Os radicaes (1) acreditam que será possivel uma nova orientação de pensamentos e de objectivos tendentes á reedificação moral. Acredita-se que o operariado deseja a cooperação geral sem a abolição das diferentes classes, em vez de estabelecer o comunismo. Isto estabelecerá um equilibrio mais normal que será unanimemente aceito.

A França sofreu por mais tempo e muito mais do que qualquer outra nação beligerante, e por isso mesmo o seu restabelecimento demanda tempo. As classes operarias, no emtanto, têm muitos recursos e estão prontas a esquecer os males sofridos durante a guerra, si forem agora condignamente tratadas.

Infelizmente, a guerra creou medidas de restricções que pesam muito mais, exactamente, sobre o operariado. As classes trabalhadoras sofreram tambem muitissimo em consequencia dos *profiteurs*. A intoleravel burocracia franceza é tambem um outro factor contra o qual se queixam essas classes, e é um dos evidentes auxilios com que conta o bolchevismo para se implantar. A simplificação da administração do governo e do serviço publico está sendo urgentemente reclamada.

A famosa burocracia do serviço civil francez é bem conhecida dos americanos que vieram á França durante a guerra, e que tiveram de ficar de pé, alinhados durante horas inteiras, na prefeitura de policia, esperando que seus passaportes fossem visados. Os habitantes francezes tambem se lembram de como tiveram que ficar durante horas alinhados, á espera de assucar e pão.

O soldado desmobilizado tem direito a uma pensão por seus ferimentos, mas verifica que tem de perder semanas e mezes inteiros a andar de bureau para outro, perdendo empregos, emquanto procura obter a tal pensão. Emquanto isso, a sua esposa amaldiçôa os preços elevados dos viveres. O governo está tendo dificuldades em fazer comprehender ao povo que, ao passo que a guerra terminou subitamente, foi impossivel restabelecer sem demoras as condições de vida anteriores á guerra.

O movimento bolchevista em França é mais de sentimento geral. Esse movimento não tem chefes particulares nem direção geral. O sinal mais esperançoso é a presteza de Bouillon e de outros chefes radicaes em chefiar o movimento para deter o bolchevismo. O restabelecimento completo dos direitos civis e a supressão de todas as restricções possiveis estabelecidas durante a guerra farão muito para aliviar a presente situação.

(1) Ha neste despacho uma confusão grande em torno do termo *radical*. Fala-se ahi em partido *radical* e em idéas *radicaes*. Ora o partido *radical* é republicano e burguez e combate as idéas que o correspondente chama *radicaes* e diria melhor chamando *extremistas*.

Os anarquistas brazileiros ao povo

Continuamos a receber adesões ao manifesto que aqui publicámos:

Do Rio: Alvaro Gonzaga, grafico; Antonio Monteiro Junior, empregado no comercio; Augusto Müller, negociante; Aurelio Nascimento, cirurgião-dentista; Cory Peixoto, grafico; Elias Lopes, grafico; Francisco Bueno, sapateiro; Francisco Rodrigues, grafico; José Ferreira Novaes, grafico; José Justino Pereira, tamanqueiro; Manoel Alves de Souza, grafico.

De S. Paulo: Almiro Silva, padeiro; Estevam Gomes, ferreiro; José de Oliveira, ferroviario.

Ação proletaria

A permanente efervescencia, que lavra no seio do proletariado carioca, agitado como o proletariado mundial na luta pelas conquistas difinitivas da liberdade e do bem-estar para todos, teve esta semana o seu episodio de vulto com a deportação arbitrarta e provocadora de militantes dos mais dedicados do nosso meio.

Os protestos irrompem de todas as bocas, a indignação lavra fundo, e uma contra-reação se esboça decidida, prevendo-se proximas e asperas batalhas entre as duas forças adversas: explorados e exploradores.

—

Sindicato dos professores

Belo sintoma de soerguimento da consciencia dos trabalhadores intelectuaes é esse da formação do Sindicato dos Professores. Duas reuniões concorridissimas já se efectuaram nesse sentido.

O Sindicato dos Professores, cuja organização será moldada pela dos seus similares de França, terá em vista, segundo projecto ainda em discussão, os seguintes objectivos:

a) melhoramento da situação dos professores publicos e particulares; organização de tabelas de ordenado, fixação de numero de alunos em aula, etc.;

b) interferencia directa na organização do ensino e na administração dos colegios, com o direito de reclamação contra os defeitos higienicos e pedagogicos;

c) luta contra as tentativas de açambarcamento do ensino primario e secundario por parte dos colegios;

d) garantias do professor contra os caprichos e abusos dos directores de colegios ou de associações que mantenham cursos;

e) promover o entendimento de professores por meio de congressos;

f) organização do ensino normal gratuito para os jovens professores ou para os aspirantes ao magisterio;

Resolveu-se já definitivamente:

a) repudiar qualquer idéa de beneficencia dentro do Sindicato;

b) aceitar no Sindicato os aspirantes ao magisterio (normalistas de ambos os sexos), os coadjuvantes de ensino ou professores extra-numerarios;

c) federar o Sindicato á Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro;

d) promover a organização de sindicatos pelos Estados do Brazil, como base para uma Federação de Sindicatos de professores do Brazil.

Podem pertencer ao sindicato professores de qualquer nacionalidade.

É INUTIL

A miseravel campanha, que está sendo movida contra as organizações operarias, demonstra claramente o terror de que estão possuidos os defensores da ordem social burgueza.

Após os acontecimentos da Praça da Republica, a policia, apoiada pelos jornaes burguezes, declarava em altas vozes, que eram anarquistas estrengeiros que provocavam taes factos, e que os mesmos exploravam os operarios, vivendo á custa das organizações.

O desmentido formal que os anarquistas brazileiros deram a tal infamia, e que teve a cooperação da propria policia, incluindo num precesso 10 anarquistas estrangeiros, . *nascidos no Brazil*, desnorteou completamente os figurões da imprensa burgueza e os guarda costas do capitalismo.

E dias depois era o proprio governo que se dirigia ás associações que têm orientação puramente anarquista, para pedir-lhes que indicassem nomes para a conferencia de Washington.

E' que os governantes sabem perfeitamente que o proletariado consciente milita nessas agremiações, que não se deixam iludir pelos manejos do clericalismo e da politicalha exploradora.

A atitude dos trabalhadores, negando o seu concurso a uma conferencia genuinamenie burgueza, exasperou os animos dos dirigentes da terra, os quaes trataram de pôr em pratica uma serie interminavel de perseguições.

Os militantes mais conhecidos são encarcerados sem que exista o menor motivo que justifique medidas tão arbitrarias e perversas.

O que o goveruo visa desta forma é provocar a desorientação dos trabalhadores que não querem pactuar com a farça projectada.

E enquanto taes barbaridades são aplicadas á parte verdadeiramente trabalhadora, o governo faz eleger individuos a ele filiados para envial-os como representantes legitimos do proletariado do Brazil á já celebre conferencia.

Com esses planos perversos, os governantes visam provocar o descontentamento entre os trabalhadores desorganizando os, para dar ganho de causa aos operarios educados nos principios clericaes dos Bezerras e dos Rangeis.

Estão enganados os magnatas do poder: os trabalhadores não se atemorizam com estas violencias, e a prisão dos militantes mais activos, longe de desnorteal-os, lhes dá mais animo para proseguirem na luta contra os seus exploradores.

E' inutil portanto a reação burgueza.

O ideal libertario creou raizes nas massas trabalhadoras: o seu triunfo é seguro, é apenas uma questão de tempo.

Esperemos: a derrocada do edificio capitalista se aproxima, e então senhores opressores, rirá melhor quem rir por ultimo.

...

Terminava estas linhas quando recebi a dolorosa noticia da deportação dos 7 camaradas que haviam sido presos pela policia.

Entre os camaradas queridos que seguem rumo da Europa, vae o nosso velho e leal amigo José Romero. De nada lhe valeram os 29 anos que passou nesta *democratica terra*.

29 anos de actividade productora tiveram como unica recompensa um brutal ponta pé de despedida.

E' vós, que fareis, trabalhadores?

Permanecereis inactivos diante de tão brutal atentado?

Não!

A dedicação sem igual dos camaradas expulsos merece tudo de vossa parte.

Levantae os braços poderosos contra a burguezia tiranica.

Não vos importeis com a ameaça de expulsão.

Que nos expulse a todos.

Eu sou brazileiro e irei tambem comvosco.

Camaradas!

E' preferivel seguir viagem no porão de um navio negreiro, a viver escravisado á prepotencia dos tiranetes da mais *liberal* das republicas do mundo.

Um viva, pois, á emancipação dos trabalhadores!

Manoel Peres.

"A barbaria bolchevista"

A educação, as letras, as ciencias, as artes na Republica dos Soviets.

São de um Convencional, citado por Michelet, as seguintes palavras: «Teriamos vivido bastante, si apenas decretassemos a educação». Podemos dizer tambem que os bolchevistas, si não fizessem mais do que já o fizeram, desde muito viveram o bastante para que a Historia registre a sua obra como uma etapa capital do esforço humano para o progresso e a civilização. Porque eles não sómente *decretaram* a educação: *organizaram-n'a*.

Ha alguns dias, quando o Sr. Lallemand comunicou á Academia das Ciencas o relatorio do Sr. Victor Henri, averiguando o apoio encorajador que o regimen sovietista prodigamente presta aos sabios e ás obras culturaes, uma grande estupefacção aturdiu muitos dos adversarios dos bolchevistas. Fazendo fé nas calunias multiplicadas pela multidão de emigrados de toda a especie, esses adversarios imaginavam os comunistas russos simplesmente como rapinantes e destruidores; de resto, os Comunardos, e antes destes os Convencionaes, da mesma fórma haviam sido pintados no estrangeiro pelos refugiados que pretendiam levar a patria na sola dos sapatos. Já agora, porém, alguns burguezes inteligentes verificam que muita coisa ha que aprender a respeito da Revolução bolchevista e do novo regimen da Russia.

Todo o nosso intuito é auxilial-os nessa tarefa. Si o governo koltchakista de Clemenceau se dignasse considerar a França como um paiz merecedor de esclarecimentos documentaes e testemunhos de fonte segura, os nossos concidadãos não seriam, a esta hora, os homens mais ignorantes do mundo no concernente á Revolução Russa.

A' hora em que escrevemos, é ainda interdicto aos francezes receber um jornal, um livro, uma simples carta siquer da Russia. Quer dizer que não podemos, com precisão, estabelecer um balanço da obra bolchevista no dominio da cultura intelectual. Ajustendo, porém, as informações colhidas aqui e ali, podemos dar ao publico uma idéa do esforço magnifico dos bolchevistas, no seu trabalho de educação do povo e do aproveitamento das riquezas espirituaes e materiaes da Russia.

Fala o Capitão Sadoul

A 25 de julho de 1918, numa carta aos seus amigos da França, o homem integro e probo, inatingido e inatingivel pelas calunias, Jacques Sadoul, esboçava, em algumas linhas, o trabalho do comissariado da Instrução Publica:

«E' simplesmente gigantesco, o esforço realizado pela instrução publica. O programa do comissario do povo Lunatcharski comprehende a instrução propriamente dita e a educação ou formação geral. O *minimo* visado é que todos os cidadãos da Russia saibam ler e escrever; o *idéal* consiste na instrução mais alta para todos. Meios principaes: formação de um exercito de professores, aberturas de escolas tecnicas, de cursos para adultos, accessibilidade universitaria facultada a todos. Mas a escola é pouco: é necessario que a classe operaria, sem timidez, crie, pelo seu proprio desenvolvimento, pelo exercicio das suas idéas e dos seus sentimentos, uma cultura nova, literaria, musical, artistica.

Para isso organizou-se em cada Soviet uma secção de cultura proletariana, sendo o comissariado um simples orgam coordenador.

Desde novembro que a vasta organisação montada por esse brilhante orador, erudito e fino letrado, por esse homem de fé profunda que é Lunatcharski, funciona a um tempo com audacia e prudencia, lentamente e firmemente. O trabalho de descongestionamento consistiu em reunir no Comissariado todos os estabelecimentos de instrução dispersos até então entre os diferentes ministerios ou abandonados á Igreja, em abolir os cargos puramente burocraticos e honorificos que atravancavam o ensino. Construia-se, ao mesmo tempo: melhoria de situação para os professores; creação em todas as escolas de um Conselho Pedagogico formado pelos representantes dos mestres, dos alunos das classes superiores, dos parentes e do Soviet local: fundação de um museu central pedagogico, de uma Escola livre de Belas Artes em Petrogrado, de uma Universidade em Nijni-Novgorod, de uma enorme quantidade de cursos para adultos, de escolas profissionaes de todos os graus, de uma Academia socialista, que é o orgam supremo de ciencia, como o Instituto de França, e de ensino, como o Colegio de França.

Para satisfazer a ancia de luz do povo russo, multiplicaram-se livremente, impulsionados pelo governo, os teatros, os clubes de usinas ou de unidades do Exercito Vermelho. Cada quarteirão de grande cidade, cada cidade ou vila da provincia possue o seu jornal, as suas salas de leitura, as suas conferencias, concertos e representações, organizados pela Secção de Instrução do Soviet local.

Lunatcharski emprehendeu uma edição popular dos classicos russos. Uma dezena de volumes já se acham á venda, aos milhões de exemplares, por preços extremamente baixos.

A vida literaria, interrompida durante o primeiro periodo da Revolução, retomou o seu curso. Os dois poetas mais famosos da Russia contemporonea, A. Bloch e Esenine, têm cantado admiravelmente a alma creadora e titanica do movimento proletariano.

Revistas artisticas, literarias, tecnicas e profissionaes aparecem cada dia. A Academia das Ciencias trabalha, em estreito contacto com o governo dos Soviets, num grande estudo das forças productivas da Russia. Todos os subsidios lhe são abundantemente fornecidos para essa obra.

Não é inutil consignar que o poder bolchevista, esse pretenso monstro satanico, esse Anti-Cristo, destruidor de toda a cultura, tem feito já incomparavelmente mais em pról das necessidades intelectuaes e moraes do povo, do que qualquer governo burguez do mundo".

Escolas! Faculdades! Institutos! Universidades!

Ao tempo em que Sadoul escrevia esta carta, e bem antes que ela chegasse aos seus destinatarios, uma personalidade, que regressava da Russia e cujo nome sentimos não poder citar, precisava-nos alguns informes sobre a organização da vida cultural russa, de que anotámos o essencial. Limitamo-nos a enumeral-os secamente; os factos são mais eloquentes que os louvores.

Apezar das dificuldades de realização do decreto já agora famoso de Lunatcharski, num paiz cuja enorme maioria compunha-se de analfabetos e iletrados e obrigado pela guerra e a contra-revolução a uma luta extenuante, ainda assim os resultados positivos do trabalho executado pelo Comissariado da Instrução Publica eram já consideraveis em meiados de 1918.

As diversas faculdades de ciencias estavam reorganizadas e o seu accesso facilitado a todo individuo desejoso de instruir-se. Creara-se uma Academia socialista, de cujos cursos se encarregavam sociologos, filosofos e historiadores. Instituiram-se por toda a parte circulos de instrução e cursos nocturnos para adultos, aos quaes o antigo regimen recusara o ensino. Institutos e escolas superiores especiaes eram creados para a formação de uma legião de professores e mestres destinados ás novas escolas.

Um Instituto de Cultura Fisica, destinado á preparação especial de candidatos á direção da educação fisica, ao estudo das questões cientificas, ás experiencias medicas, pedagogicas, etc., creara-se, com o programa seguinte para os diversos cursos, naturalmante gratuitos:

1ª serie — 1. Teoria geral do desenvolvimeto fisico (historia da questão, exposições das opiniões, correntes e metodos modernos); 2. Anatomia (descritiva, comparada, dinamica e patologica); 3. Fisiologia; 4. Patologia geral; 5. Fisica e quimica.

2ª serie — 1. Sistemas nervosos (processus intelectuaes, pedogogia experimental e prico-fisica, higiene geral); 2. Apare hos osseos e musculares (desenvolvimento, ritmo, massagem, ortopedia); 3. Orgãos do sentido e da palavra (meios de aperfeiçoamento); 4. Aparelho digestivo (higiene da alimentação, etc.); 5. Aparelhos respiratorio e circulatorio; 6. Aparelho genital; 7. Lei dos metabolismos.

3. serie — Estudo do processus do trabalho em relação com o desenvolvimento fisico e a sua influencia sobre o organismo. O trabalho em relação á idade, ao sexo, á nutrição. Trabalho fisico e intelectual.

Todas as lições teoricas são acompanhadas de experiencias de laboratorios demonstrativos, manipulações, trabalhos praticos.

Ha que assinalar ainda a creação de um Instituto tecnico-cientifico da alimentação, de uma Secção de proteção á infancia, etc.

Como seriam aproveitaveis a certos paizes "civilisados" esses exemplos da "barbaria bolchevista"!

Ainda e sempre Escolas e Museus

Mencione-se ainda a creação de museus de historia, de historia natural (especialmente o museu Darwin - Lamark), do trabalho, de arquitectura, electro-tecnico, etc. O cinematografo foi introduzido nas casas de ensino.

Durante o ano de 1918, o governo sovietista *abriu cerca de 1.000 escolas elementares novas sómente no districto de Moscou*. E mais não se abriram devido unicamente á dificuldade de aumentar rapidamente o pessoal docente.

No mesmo lapso de tempo *crearam-se seis novas Universidades*. (O antigo regimen estabelecera 12 em duzentos anos). O edificio do café Maxim, estabelecimento da moda, em Moscou, foi transformado em escola nocturna. Por toda a parte, castelos e palacios "socialisados" tornaram-se casas de educação. Em Petrogrado, o Palacio de Inverno é hoje uma vasta escola modelo.

As iniciativas particulares, cujo campo é ilimitado, são sempre encorajadas e sustentadas. Por exemplo, a União dos mestres e professores de Astrakan tomou a iniciativa de fazer construir Sanatorios do Trabalho em toda a Russia, nos quaes o trabalho agricola ao ar livre é aplicado como metodo terapeutico. Os ferro-viarios da linha Moscou-Kief-Voroneje fundaram, mais recentemente, escolas elementares e secundarias, onde os livros, o ensino e a alimentação são fornecidos gratuitamente.

E' necessario acentuar que os bolchevistas têm realizado essa imensa tarefa em meio de inumeraveis dificuldades, num paiz de secular ignorancia, em plena guerra civil e estrangeira, e apezar da obstrução organizada pelos intelectuaes burguezes. No seu relatorio do fim de 1918, escrevia Lunatcharski: "Contámos desde logo com a hostilidade dos professores burguezes, impulsionada pela União pan-russa dos professores, e com a sabotagem dos funcionarios do antigo Ministerio da Instrução Publica. Encontrámos-nos sós, entre ruinas, sem contacto com as escolas, nem com as provincias, entregues ás nossas forças pedagogicas limitadissimas. Não obstante, a organização central e local funciona agora harmoniosamente; reduzido pessoal de ensino nos auxilia sinceramente e os outros, de boa ou má vontade, vão caminhando."

Uma educação verdadeiramente popular.

Lunatcharski expunha, nesse relatorio, a organização e o funcionamento do Comissariado, os novos metodos de ensino, verdadeiras revoluções na educação popular.

«As antigas escolas divididas em escolas populares ou burguezas, masculinas ou femininas, tecnicas ou classicas, são substituidas pela Escola dos Trabalhades Unificados, percorrendo todo o ciclo da instrução. Esta escola possue um duplo caracter de unidade: a abolição das divisões de classe, permitindo a toda creança a possibilidade de uma educação superior; em seguida, a supressão de toda especialização antes dos 16 anos. A escola é laica. Os diplomas não conferem direitos especiaes. As linguas classicas não são obrigatorias. Para ser accessivel a todos, a escola é gratuita. As creanças recebem alimentação na escola, e as mais pobres recebem vestuario. E' obrigatoria a frequencia escolar durante nove anos. Os conselhos locaes devem recensear todas as creanças de capacidade fisica suficiente e repartil-as pelas diversas escolas. Desde que o numero total das creanças seja conhecido, o Comissariado instaurará um sistema escolar. Pensamos em abrir, no ano proximo, dez mil escolas primarias e mil secundarias."

Atingida a idade de 16 anos, os alunos podem cultivar a sua vocação nas escolas superiores.

Infelizmente não dispomos de espaço bastante para expôr o programa escolar, os novos metodos pedagogicos. Lunatcharski enumera em seguida estas cifras;

"Em outubro de 1919, foram abertos os seguintes estabelecimentos: 4 escolas normaes primarias, 42 escolas superiores, 10 cursos de pedagogia, 110 cursos especiaes para professores. Por outro lado, o Comissariado aceitou 31 escolas superiores e 6 escolas pedagogicas. Cursos pedagogicos centraes houve que tiveram 800 ouvintes, todos professores, e os seus conferencistas eram homens como Bukharine, Reisner, etc. O mesmo se verificou nas provincias, onde 11 cursos foram organizados por auditorios variando de 200 a 300 pessoas. Além das creanças em idade escolar, o Comissariado se preocupa tambem com as classes infantis e os jardins de infancia, campos de jogos, clubes e colonias. Em Tzarkoie-Selo estão se organizando colonias industriaes para a infancia, e em breve será fundada uma gigantesca colonia para 1.000 creanças proletarias. Este numero se elevará em seguida a 2.000."

Estes algarismos permitem apreciar o imenso esforço realizado durante um ano, nesta Russia sangrada pela guerra, desolada pela fome e á qual os paizes aliados — para sua eterna vergonha! — impuzeram e ainda impõem tantos sofrimentos!

A' medida que o poder dos Soviets se solidificava, que a Revolução proletariana se fortificava, os progressos se aceleravam e os resultados se acumulavam, como vamos mostrar com os testemuuhos que se seguem.

Informações de Sadoul confirmadas pelo Sr. Victor Henri

Jacques Sadoul escrevia a Longuet, em janeiro de 1919:

«Os intelectuaes se agrupam cada vez mais numerosos em torno ao poder dos Soviets. Maximo Gorki aderiu sem reservas. A' frente de professores, de artistas, de poetas e de escriptores celebres, ele trabalha activamente nas organizações bolchevistas. Ha já longos mezes que a maior parte das instituições cientificas oficiaes, notadamente a Academia das Ciencias, colaboram com o governo, cada qual no dominio da sua actividade habitual. O Soviet lhes propõe grandiosos programas de estatistica, de estudos e de aproveitamento das enormes riquezas productivas da Russia. Este trabalho formidavel já se acha avançadissimo e deve ser extremamente benefico para o futuro do paiz. Por outro lado, o poder dos Soviets faculta ilimitadamente todos os créditos que lhe são pedidos pelos sabios, os quaes jamais se viram em semelhante festa, bemdizendo, politica á parte, o destino que confiou a Russia a ministros tão inteligentes. Do mesmo modo, milhares de engenheiros, de quimicos, de inventores se consagram quer ás questões tecnicas militares, quer ás questões de reorganização economica. O voto formulado por Lenine e Trotski, desde outubro de 1917, se realiza: «aos braços que fizeram a Revolução associam-se agora os cerebros que devem assegurar as suas conquistas.»

Aqueles que ousaram suspeitar da veracidade dessas informações são hoje confundidos pelo testemunho do Sr. Victor Henri, lido na Academia das Ciencias, o qual corrobora quando afirmara Sadoul. Citamos segundo o *Temps* de 17 de julho.

«Institutos, coleções, museus novos foram creados. O centro intelectual da nova Russia é a Academia das Ciencias de Petrogrado, que tomou sob a sua proteção os museus, os laboratorios, as faculdades. Constituiu-se uma grande commissão para o estudo das riquezas e das forças de que dispõe a Russia. Esta commissão se compõe de 33 secções, funcionando 22 em Petrogrado e 11 em Moscou. Dentre os novos institutos creados o Sr. Victor Henri cita: o instituto quimico: um instituto da platina, onde os sabios russos conseguiram reencontrar o processo secreto de separação da platina e do iridium, detido pelos alemães; um instituto de materiaes de construção; um de melhoramento das raças ovinas; um outro destinado ao estudo do solo e dos adubos. Institutos do radio, dos raios X, de optica teorica e aplicada, de cristalografia, de hidrologia, do trabalho, funcionam igualmente desde varios mezes.

A Academia das Ciencias de Petrc ado emprehendeu uma serie de estudos geodesicos e começou a composição de um mapa magnetico da Russia. Novos laboratorios foram anexados ao instituto dos pesos e medidas.

Antes da guerra, os sabios russos publicavam os seus trabalhos nos periodicos e revistas tecnicas alemães, inglezes e francezes. A Academia de Petrogrado decidiu publicar de ora em diante um Boletim redigido em russo e francez. Já apareceram tres fasciculos deste boletim das ciencias russas.

De um modo geral o governo dos Soviets tem sido muito liberal em relação aos sabios. Ele considera que a ciencia nada tem de comum com a politica. Assim, todos os creditos pedidos são satisfeitos. Jamais a ciencia russa foi tão rica.»

3 bilhões e 500 milhões para a Instrução Publica

O Sr. Frazier Hunt, correspondente da *Chicago Tribune*, relatava em maio de 1919:

"No concernente á instrução publica, pode dizer-se que, pela primeira vez, desde que a Russia existe, todas as creanças de 8 a 16 anos têm a possibilidade de frequentar uma escola.

Todas as usinas possuem escolas para os adultos, como para as creanças, e por toda a parte se realizam conferencias e distrações instructivas para os operarios.

Emfim, ha um sistema de instrução obrigatoria completado pelo estabelecimento de Universidades livres, abertas a todos que desejam aperfeiçoar-se ou que dão provas de aptidões especiaes. Os livros são fornecidos gratuitamente, e todas as creanças almoçam nas proprias escolas. Todas as escolas privadas são suprimidas, e até aos 16 anos as mesmas possibilidades de instrução são dadas a todas as creanças".

O orçamento da Instrução Publica para 1919 é de 7.000 milhões de rublos, o que corresponde a 3.500 milhões de francos, contando o rubro depreciado a meio franco.

Sete mil escolas ruraes, tres mil escolas de segundo grau, doze estabelecimentos de instrução superior foram fundados no decorrer de um ano.

E' impossivel avaliar as inumeraveis universidades populares, cursos nocturnos, centros e clubes de instrução para os operarios, etc....

Fala o Sr. Ransome

No seu livro recentemente aparecido em Londres, *Seis semanas na Russia em 1919*, o Sr. Ransome acumulou informações de grande interesse, de que sentimos não poder reproduzir sinão uma pequena parte.

Existem actualmente na Russia dezeseis Universidades, em lugar de seis, e na maioria foram abertas por iniciativa dos Soviets locaes, como a de Astrakan, a de Nijni, a de Kostroma, a de Tambov, a de Smolensk.

Crearam-se novas escolas tecnicas: o novo Instituto de Ivano-Vosnesensk está funcionando e o de Briansk, será aberto em breve.

As escolas foram unificadas. São divididas em duas classes: uma para as creanças de sete a doze anos, outra para as creanças de treze a dezesete anos. Um bilhão de rublos foi consignado com o fim de prover á alimentação das creanças nas escolas, e as mais necessitadas recebem gratuitamente calçado e roupa.

Ha tambem muitos cursos para os operarios, onde estes aprendem os conhecimentos geraes acerca do seu oficio, para que deixem de ser simples maquinas que executam o trabalho sem o comprehenderem. Um caldeireiro pode seguir um curso de mecanica, um electricista um curso de electricidade, e os melhores praticos especialistas em agricultura são encarregados de fazer conferencias entre os camponezes.

Boris Souvarine

(*Conclue no proximo numero*)

Administração

N. 5

ENTRADAS

Assinaturas	22$000
Arthur Campagnoli	10$000
Brochuras	1$000
Pacotes (Ferrão)	2$000
Pacotes, 10 (Tecelões S. Paulo)	10$000
Lista 26	25$000
Pacotes	15$000
J. Fernandes (4 e 5 pact.)	3$000
Taveira (n. 4)	3$000
Ferroviarios (S. Paulo)	50$000
Ferrão (n. 45)	4$000
P. C. B.	50$000
Gião (3-4)	6$000
Emilio	10$000
Cerdeira (3-4)	6$300
Bioni (4-5)	2$000
Hermogenio (1, 2, 3, 4)	26$300
Pedro Junior (n. 4)	3$500
Do festival	4$000
P. Carneiro (5)	2$000
Da lista parmanente do Izauro	51$000
Aurelio (Niteroi) n. 3	1$000
Nogueira	10$000
Quete do Crocci	15$000
Saldo do n. anterior	855$860
	1:187$960

SAHIDAS

Cartões postaes	$500
Aquilino	1$100
Papel	18$000
Souza	4$200
Passagens	1$400
Selos	17$000
Impressão	130$000
Composição	160$000
Etiquetas	38$500
Folhetos	5$000
Casa	40$000
Pincel	$500
Gravura	10$000
	426$200

RESUMO

Entradas	1:187$960
Sahidas	426$200
Saldo	761$760

N. 6

ENTRADAS

Saldo do n. anterior	761$760
Ferrão (n. 6)	2$000
Pacotes	1$000
Taveira (n. 6)	3$000
Gião (n. 6)	3$000
Assinaturas	10$000
Distribuidor (n. 5)	36$000
P. Carneiro (n. 6)	2$000
J. Bistafa (S. Paulo)	10$000
	828$760

SAHIDAS

Composição	164$000
Impressão	115$000
Papel	132$000
Redação	28$000
Administração	35$000
Carreto	6$000
Passagens	2$500
Brochuras	3$800
	486$300

RESUMO

Entradas	828$760
Sahidas	486$300
Saldo	342$460

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*